

Histórias de Um Novo Mundo - Estado

Prólogo

– Não se deixe dormir e preste atenção ao que digo, pois é a história de como tudo o que você vê veio a existir – disse ele.

No início, era a eternidade, o infinito e o inconcebível, pois o Ser e o Não-Ser eram um só. Passado, presente e futuro em imobilidade; todos num só perpétuo momento, era a eternidade. Todas as coisas existiam em si mesmas e estendiam-se a tudo ilimitadamente, era o infinito. O meio universal era homogêneo e heterogêneo, ilimitado e pontual, eterno e preso a um único momento, livre dos grilhões da lógica, era o inconcebível.

Tal momento se encontra na eternidade, e era a eternidade, existindo antes de existir o tempo. Este momento, por existir antes do tempo, sequer pode ser precisamente chamado de “momento” ou afirmar-se que veio “antes” de algo. O momento em que passado, presente e futuro são uma coisa só é a eternidade, e o tempo é o movimento da eternidade.

O Ser e o Não-Ser estavam em perfeito equilíbrio, resultando na ordem perfeita, que também é o caos perfeito, entre o completo vazio que não pode existir e a total existência que carece de energia.

O nada é impossível, pois o nada é a manifestação do Não-Ser, não obstante, o Não-Ser existe, tem energia, e a energia do Não-Ser passaria a Ser caso não houvesse oposição. Por esta mesma razão, o tudo também é impossível.

No infundável momento perpétuo da eternidade, uma parte infinitesimalmente pequena do Ser sobrepôs uma parte correspondente do Não-Ser, desequilibrando as duas forças.

Não há equilíbrio, logo, a perfeita ordem e o perfeito caos deram lugar a um princípio de ordem móvel. Esse princípio era infinitamente pequeno, portanto, criou ordem móvel infinitamente primordial. Esse é o início dos tempos e das coisas que são.

O Ser, ao sobrepor em parte o Não-Ser, passa a ser mente e ter consciência. Percebe a si mesmo em meio ao movimento que existe. A eternidade se movimenta em forma de tempo, o infinito se limita para caber na finita energia do Ser que sobrepôs o Não-Ser. Em decorrência de tais eventos, concebe-se ordem lógica agora que há escassez de energia e não há mais infinito.

A consciência do Ser compreende tudo o que existe em si mesmo, tudo o que deriva da energia do Ser. É a mente que compreende a si mesma e a seu corpo, e compreende até mesmo suas limitações. Percebeu que dentro dos limites da energia disponível – a qual será chamada de física –, seguindo o tempo e as regras lógicas, ele poderia moldar a si mesmo.

O Ser, atado agora aos limites de energia e informação disponíveis, seguiu moldando a si mesmo segundo as suas limitações. Levou muitos e muitos bilhões de anos para moldar a si de uma maneira que lhe agradou, mas o tempo, embora limitado, lhe era vastamente amplo, de forma que o cálculo de bilhões de anos representava para o Ser quase o mesmo que uma unidade de ano.

O ano é uma unidade de medida do tempo criada por uma das espécies de seres menores que surgiram dentro do Ser. A estes o Ser deu poder subcriativo para moldar a energia do Ser conforme desejassem, desde que na medida de suas limitações. Eles eram mentes, e conscientes podiam usufruir da criação que o Ser fizera em si mesmo. Não eram eles as únicas mentes, tampouco os únicos seres que receberam poder subcriativo.

As mentes não têm objetivo ou propósito, mas cada uma delas cria um propósito para si de acordo com a interação com as outras mentes – especialmente a interação entre as mentes com poder subcritativo. Assim, o maior júbilo de uma mente está sempre relacionado com outras mentes, seja essa relação positiva ou negativa.

Estes seres que também são mentes não entendem o Ser, nem sua criação. O Ser não lhes revela muito, pois eles são mentes com limites muito curtos para tantas informações. Assim, os seres permanecem sem saber ao certo o que é o Ser, de onde ele vem e o que deseja, de maneira que alguns simplesmente sequer acreditam mais que o Ser realmente exista.

Dentre os que acreditam, questionam-se se a quantidade de energia do Ser que sobrepôs o Não-Ser aumenta ou aumentará, o que determinaria mais poder à ordem do Ser. Ou ainda, se mais energia do Ser sobrepôr o Não-Ser, seriam estas novas quantidades de energia acumuladas à que já se sobrepôs antes ou permaneceriam isoladas dando origem a novas criações? Estaria esta criação aumentando em energia ou haveria uma infinidade de criações? Ou ambos?

Poucas são as respostas para as muitas questões, mas uma coisa tenho certeza: somos mentes limitadas demais para ter todas as respostas.

– Então é isso? Só isso? – Perguntou Brian, que não se sentiu satisfeito com o relato.

– Sim, é só isso – respondeu Ben Elias, complacente –, mas não precisa ficar surpreso. Talvez você ache uma história simples demais para explicar a origem de tudo. Na verdade ela é bem complexa. O caso é que não temos meios de comprovar a veracidade dela. Estamos limitados à criação, e nunca poderemos alcançar o Ser e o Não-Ser. Por causa disso, não é possível provar a veracidade ou a falsidade de nada do que falei. Está fora dos domínios do método científico.

– Então – insistiu Brian – por que existe alguém que acredita nisso? Por que você acredita nisso?

Ben Elias sorriu.

– O que é uma prova, Brian? – Perguntou.

– É uma evidência verificável por qualquer um. Ou um experimento replicável por qualquer um.

– É uma resposta boa o bastante – disse Ben Elias, orgulhoso de seu aluno. – Então reflita consigo e você perceberá que não existe experimento ou evidência que possa analisar o que está além da criação. Nós temos dificuldades terríveis para analisar o que faz parte da criação, quem dirá o além! Logo, a única forma de se entender algo sobre o Ser é se ele quiser te fazer entender algo. E foi isso que aconteceu comigo. Não posso provar, pois não posso replicar a experiência que tive de maneira que você a experiencie também, mas eu entendi bem o que o Ser quis me fazer entender. E essa é a única maneira.

– E por que o Ser não faz todo mundo entender que essa história que você me contou é real? – Perguntou o jovem, ainda insatisfeito.

– Isso, Brian – respondeu o homem –, ele não me fez entender. Mas se um palpite serve: acho que simplesmente não teria graça nenhuma.

Brian gargalhou alto ao ouvir uma resposta tão simplista.

– Não parece algo simples demais? – Retrucou Brian. – O Ser, que é o ser mais complexo que existe, deveria ser tão simples assim?

– Talvez sim – veio em resposta –, mas talvez não. O Ser é tudo o que existe, pelo menos tudo o que existe em nosso universo. Não é possível nem começar a imaginar o que uma mente tão grande pensa ou deseja. Mas por hoje basta – disse ao

olhar o relógio –, é melhor você dormir. Já passa das duas da madrugada. Michael já deve estar roncando.

– Por falar nele – começou Brian –, o que ele diz de toda essa história?

– Ele nunca se interessou em ouvir.

Brian balançou a cabeça em concordância.

– É a cara dele – disse. – Se ele ouvisse essa história, a primeira coisa que ele ia perguntar é como é possível que as coisas sejam infinitas, estando tudo em todos os lugares ao mesmo tempo. Até o tempo é todo o tempo! É muita loucura, isso não faz sentido.

–Exatamente! – Concordou Ben. – O eterno e o infinito não se prendem à lógica. Todos os nossos conceitos de lógica e sentido são limitações do infinito e da eternidade que só existem porque a energia é limitada. Com a energia infinita do Ser e do Não-Ser, não existem limites, nem limites lógicos.

Brian riu abertamente.

– É muita maluquice – disse. – Eu ainda me interessou um pouco por essas coisas filosóficas viajadas, mas o Michael nunca daria bola pra isso.

– É verdade. Ele e a maioria não se importam com a verdade. Se importam apenas com o que está na frente deles. É mais fácil assim, sabe?

Essas palavras levaram Brian ao passado. Ao dia que seu pai lhe falou algo sobre leis e salsichas.